



QUE BLOCO É ESSE? EU QUERO SABER! - FESTAS POPULARES BRASILEIRAS E ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Karine Benediht de Oliveira Leão¹ – ECA/USP

Refletindo sobre as possibilidades de diálogo com as identidades brasileiras presentes nas aulas de Arte para o Ensino Fundamental II na escola pública, desenvolvemos uma pesquisa em nível de Mestrado na qual investigamos e criamos estratégias para o ensino e a aprendizagem da arte e suas linguagens a partir das festas que habitam nossos repertórios culturais - nossos, pois eu, a professora, incluo-me na espiral aprender-ensinar-aprender e, junto aos estudantes, crio estratégias para criar.

A partir da escuta da comunidade escolar e do território onde acontece a pesquisa, a EMEF Desembargador Theodomiro Dias, localizada na Zona Oeste de São Paulo, busco compreender como as festas populares brasileiras podem contribuir para a instauração de processos criativos nas aulas de Arte, de modo a considerar a expressão das identidades dos estudantes como epistemologias e poéticas decoloniais ou contra coloniais, e levando em conta o trabalho do professor como parte desta criação coletiva que se dá a partir da relação entre os saberes de todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Privilegiando a alegria como componente estruturante da relação professor-estudante, apesar das adversidades e obstáculos enfrentados diariamente nos contextos da escola pública municipal, como a escassez de tempo e as violências e opressões variadas, vamos buscar nas festas tradicionais brasileiras os caminhos para a construção de uma abordagem metodológica para o ensino de Arte na escola pública que se reencontre com as culturas presentes na comunidade escolar.

¹ Mestranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da USP, professora de Arte na Rede Municipal de São Paulo, integrante do Grupo Multidisciplinar de Pesquisa em Arte e Educação (GMEPAE/CAP/ECA/USP) desde 2024. Email: karine.leao@usp.br



Em 2022, identificamos que o isolamento social decorrente da pandemia do COVID-19 e o processo de gentrificação pelo qual passa o bairro da Vila Sônia após a inauguração da estação de metrô geraram atritos na convivência entre os habitantes da escola e os moradores do entorno. Além disso, o retorno às aulas após o longo período em que estivemos isolados e apartados dos processos escolares era desafiador e, muitas vezes, violento. Diante de tantos problemas, a equipe escolar demonstrava preocupação e passou a refletir criticamente sobre tais situações, discutindo estratégias para a aproximação dos estudantes aos processos escolares de ensino e da escola à vizinhança, alicerçadas pelo pensamento de Paulo Freire:

Acontece, porém, que a toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. (FREIRE, 2001, p. 114)

Entre conversas, decidimos tomar algumas atitudes para pacificar as relações dentro e fora da escola. A reocupação do território da praça figurava como uma prioridade, espaço onde anteriormente eram realizadas diversas atividades pedagógicas e onde convivemos em harmonia durante muitos anos.

Para a disciplina de Arte, traçamos estratégias de ocupação do território pelas criações artísticas dos estudantes e, assim, iniciamos um movimento de recontato com a vizinhança e o entorno da escola. Naquele momento, os 9ºs anos ficaram encarregados de criar a identidade artística da escola para que pudéssemos nos rerepresentar à vizinhança, como um reencontro de amigos de longa data que não se vêem há muito tempo. O resultado deste trabalho, que durou um semestre inteiro, foi um lindo cortejo em direção a um parque municipal próximo da escola, no qual os estudantes listaram os equipamentos de cultura e educação pelos quais passamos no caminho e com o qual pudemos apresentar à comunidade quem era, então, a nossa escola pós-pandemia: viva, alegre e plural. No cortejo, os estudantes



cantaram a música composta por eles mesmos, carregaram o estandarte da escola que eles criaram e alegraram o caminho por onde passamos. Todo esse movimento trouxe muitos frutos à escola e se tornou tradição para os 9ºs anos, portanto alvo de grande espera e ansiedade pelas turmas mais novas.

2022 foi um ano intenso, de muitas reviravoltas e reflexões na prática cotidiana do ensino de arte na escola e a aproximação com as criações e expressões poéticas e artísticas destes adolescentes me fez olhar para o lugar da festa, da rua e da alegria no ensino de arte na escola pública. Cada estudante, envolvido no processo, trouxe algo de si para a roda de saberes que fomentamos aula a aula e foi possível observar o que cada um sabia a partir de suas próprias experiências e vivências, sendo elas dentro ou fora da escola. Havia aqueles que sabiam tocar instrumentos, aqueles que sabiam escrever e rimar, aqueles que sabiam lidar com as agulhas, aqueles que se comunicavam bem. Cada menino e cada menina, imerso no processo de criação de algo coletivo, contribuiu com seu próprio saber e aprendeu algo. O resultado desse processo de criar e aprender foi apresentado ao público, que, por sua vez, permitiu-se relacionar com aquele movimento. Conforme o bloco da escola foi passando, pessoas saíam nas janelas de suas casas, nas portas de seus comércios, na rua, acenavam, nos seguiam, batiam palmas, sorriam. Muitos foram os comentários sobre tempos longínquos da escola, na qual vizinhos participaram da fanfarra, fizeram desfiles, ocuparam a praça. Tantos foram os sorrisos de quem nos via passar e de quem passava, entoando a letra da nossa canção que fala sobre sermos diferentes, porque “a Praça é nossa, a Praça é de toda gente!”.

A criação dessa identidade, como chamamos todo esse processo na época, instaurou processos de criação no Ateliê de Arte da escola que ampliaram as possibilidades de expressão artística dos estudantes a partir da troca de experiências entre todos. Havia um compartilhamento generoso de saberes, que gerou uma aproximação entre os estudantes, criando uma atmosfera de liberdade e comunidade. Da mesma forma, quando colocamos nosso bloco na rua, houve uma



integração entre a escola e o território, como se houvesse uma porosidade nos muros da escola, que permitiu a circulação dos saberes e criações de dentro e de fora, num movimento orgânico, colorido e rico. O tempo deixou de correr para um só lado e pôde flutuar entre vivências e criações, do mesmo modo que cada sujeito pôde ser valorizado em suas individualidades e bagagens. A partir da festa, a escola criou rios de conexão com a praça e o território, seus sujeitos e seus saberes e, assim, vibrou em diversidade e cores.

Assim nasceu o desejo por pesquisar formas de ensinar e aprender arte na escola que se liguem e valorizem as culturas, saberes e repertórios artísticos, bem como as histórias de vida dos membros da nossa comunidade escolar. Para tanto, hoje investigo em uma pesquisa de Mestrado como as festas populares brasileiras podem contribuir para a criação de uma abordagem metodológica do ensino de arte na Educação Básica da escola pública que valorize as identidades e culturas presentes neste coletivo, a partir da instauração de um estado criativo nos territórios de criação reivindicados por esta comunidade, convocando estudantes, professores e comunidade escolar à conexão com as expressões artísticas ancestrais de nossa comunidade e compreendendo a alegria e o desejo de estar junto como princípios éticos para a existência coletiva.

A festa popular como se dá nas tradições brasileiras, aqui, apresenta-se como materialidade que agrega em um único evento as denominadas quatro linguagens da arte: artes visuais, dança, teatro e música. Assim, partimos da hipótese de que as festas populares brasileiras, além de apontarem caminhos para um ensino de arte decolonial, ao aglutinarem processos de criação nas quatro linguagens conforme descritas na legislação vigente para o ensino de arte, fomentam o contato dos estudantes com tais linguagens e instauram processos de criação coletivas nas quais o conhecimento circula entre sujeitos de maneira horizontal e comunitária.

Além disso, como aponta Jorge Ribeiro Junior, em seu livro “A Festa do Povo - pedagogia da resistência”:



Ao revitalizar o arbitrário cultural dominado, ao instaurar relações de pessoa, ao romper com o mundo do indivíduo, burocrático e monotônico, a festa propicia uma contraviolência. A linguagem da festa contrasta com a linguagem econômico-racional que impõe o silêncio ao povo. (JUNIOR, 1982, p. 49)

Assim, ao estabelecer um processo de criação coletiva, a festa possibilita a expressão do grupo que a manifesta, contra-atacando a violência opressora sofrida por ele. Desse modo, inverte a lógica dominante e possibilita a exteriorização da voz e da criação do grupo oprimido. Assim sendo, pode ser uma estratégia de emancipação dos sujeitos em conjunto quando utiliza o seu potencial comunicador para expressar, através da Arte, os desejos de um coletivo.

Desse modo, a pesquisa de Mestrado “Que bloco é esse? Eu quero saber!”, ainda em curso, une a pesquisa empírica, fruto da práxis educadora (FREIRE, 2017) desta professora-artista-pesquisadora, às teorias em torno da decolonialidade do pensamento, da arte-educação e das identidades e epistemes brasileiras para imaginar novas formas de contato com a arte dentro da escola pública de educação básica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- JUNIOR, Jorge Claudio Noel Ribeiro. *A festa do povo - pedagogia de resistência*. Petrópolis: Vozes, 1982.